

Parlamento volta a discutir o fim das corridas de cães em Portugal

MAUS-TRATOS A ANIMAIS Grupo de mais de 20 mil cidadãos apresentou projeto de lei para proibir as corridas. PAN, BE e a deputada não inscrita Cristina Rodrigues juntaram-se.

TEXTO ANA TROCADO MARQUES

Treinos violentos, choques elétricos, *doping*, abandono e um "negócio de milhões" ou "apenas uma festa de amigos", que respeita o comportamento natural de um "atleta nato"? Depois do chumbo em 2019, a discussão sobre as corridas de galgos volta hoje à Assembleia da República (AR). Há quatro projetos de lei a votação e um deles é um dos raros nascidos da vontade popular. Todos querem proibir as corridas de cães em Portugal e acabar de vez com "a crueldade", "a falta de fiscalização" e "o vazio legal".

"Continuam a distorcer os factos que todos os cientistas, bem-estaristas e médicos veterinários com experiência apresentam. Temos horas e horas de imagens captadas em corridas e treinos em Portugal. Não, não é uma realidade que só acontece lá fora", garante Sandra Cardoso, médica veterinária, presidente da SOS Animal e primeira subscritora do projeto de lei apresentado por mais de 20 mil pessoas.

Querem proibir as corridas de cães, punir quem organizar, ajudar ou disponibilizar instalações com pena de prisão até dois anos, quem participar (pena até um ano) e quem assistir (multa de 750 a 5 mil euros).

Nova tentativa

Depois de, em 2019, BE e PAN terem visto chumbadas as suas propostas por PS, PSD, PCP e CDS, agora voltam à carga. Juntou-se-lhes a deputada não inscrita Cristina Rodrigues.

Inês de Sousa Real, do PAN, lembra os treinos forçados em noras e passeadeiras, o negócio das apostas ilegais e dos bancos de sangue, o abandono dos que já não servem para correr. "O cão não é um atleta. Há muito sofrimento por trás destas corridas", explica. Do lado do BE, Maria Manuel Rolá diz que, desta vez, a preocupação foi "distinguir a corrida saudável do cão com o seu dono, de práticas forçadas contrárias ao comportamento natural dos animais". A proposta bloqueada introduziu ainda o dever de fiscalização por parte das autarquias. Também Cristina Rodrigues quer o fim das corridas, mas apenas as que têm fins competitivos.

No caso do galgo inglês, as corridas são de 250 metros, em pistas (há seis em Portugal e um campeonato



Há seis pistas de corridas de galgos em Portugal e um campeonato nacional que decorre de março a setembro.

nacional que decorre, habitualmente, de março a setembro), tendo como isco uma pele de lebre. Já o galgo espanhol é usado no chamado "corrição", uma espécie de caça à lebre viva. O presidente da Federação Nacional de Galgheiros lamenta que, às vezes, "se confundam as coisas". Nuno Ferreira da Silva garante que, nos galgos ingleses, "haverá um ou outro criador" a recorrer a noras e treinos em passeadeiras, "por não os conseguirem passar", "mas 99% não". Nas corridas, explica, os prémios são "simbólicos", cobrança de bilhetes não há e apostas "nem pensar". Negócios de milhões é na Inglaterra, na Irlanda ou nos EUA, diz.

O negócio do sangue

O galgo é o único cão que é dado universal de sangue. Há quem diga que este é também um negócio para os que estão "velhos" para competir (aos 2 ou 3 anos). Fala-se de quintas deadores enjaulados. A federação diz que "é um disparate". Dão sangue e, frisa Nuno, "ajudam a salvar outros cães", mas em troca de desparasitante e vacinas.

societade@gnr.pt

MP recebeu 1923 queixas de maus-tratos em 2020

JUSTIÇA Desde 2014 que a lei criminaliza maus-tratos e abandono de cães, mas nas corridas falta fiscalização.

Em 2020, deram entrada no Ministério Público 1923 queixas por morte ou maus-tratos de animais de companhia. Algumas serão relativas a corridas de cães, mas a Procuradoria-Geral de República (PGR) não sabe dizer quantas.

As cães é reconhecida proteção jurídica (art. 201.º-B do Código Penal) e, desde 2014, que a lei criminaliza maus-tratos e abandono (art. 387.º do CC), mas nas corridas falta fiscalização.

A SOS Animal só encontrou "dois veterinários municipais no país a fiscalizar corridas". "Não são obrigados. Temos de ter um veterinário presente e temos sempre", diz Nuno Ferreira da Silva, da Federação Nacional de Galgheiros, que agrega as associações Norte, Centro, Sul e Cuba. O SEPNA da GNR, garante Sandra Cardoso, "raramente aparece" e não tem pessoal especializado. Controlo de *doping*

não há, mas a Federação garante que o quer introduzir.

Neste ano, competiram no campeonato nacional 359 galgos. A maioria corre dois ou três anos. Depois, dizem as associações animais, "muitos acabam abandonados ou mortos". O SIAC (Sistema de Informação de Animais de Companhia) tem, atualmente, 2.339.558 cães registados. É gerido pelo Sindicato dos Médicos Veterinários. "Dar baixa" de um cão é um "pró-forma, sem perguntas, nem certidão de óbito".

Cristina Gonçalves, da Associação Katefriends, resgata, todos os meses, em média, uma dezena. Diz que "muitos vêm com traumas graves, lesões, marcas de *chiparrancado*". Alguns chegam pelo tribunal, como os 18 galgos do cavaleiro tauromáquico João Moura. Há 30 anos que vê "o mesmo filme". Garante que o lóbi das corridas "tem muito poder".